



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

Pedagogias do cuidado entre nós: um manifesto pelo direito de legislar sobre o próprio corpo

Pedagogies of care among us: a manifesto for the right to legislate over one's own body

*Pedagogías del cuidado entre nosotros: un manifiesto por el derecho a legislar sobre el propio cuerpo subtítulo (se houver)*Patrícia Baroni
Maria Clara Magalhães**RESUMO**

O presente artigo traz, através de pesquisa narrativa, cotidianos em que são pensadas práticas de educação sexual na creche privada do Rio de Janeiro. O principal objetivo é a reflexão acerca de práticas possíveis de educação sexual que se constituem através de pedagogias sensíveis. A concepção de corpo como linguagem converge com a produção de Ferreira (2021) e Guimarães (2011), ao abordarem o aprendizado construído por via corporal. Como resultados, concluímos que uma alternativa de proposição protetiva aos casos de abuso sexual na infância tão recorrentes na sociedade brasileira é testemunhar a educação sexual cotidianamente.

Palavras-chave: educação sexual; corpo; cuidado.”.

Palavras-chave: educação sexual; corpo; cuidado.

ABSTRACT

This article presents, through narrative research, everyday life in which sexual education practices are considered in private daycare centers in Rio de Janeiro. The main objective is to reflect on possible sexual education practices that are constituted through sensitive pedagogies. The conception of the body as language converges with the production of Ferreira (2021) This article presents, through narrative research, everyday life in which sexual education practices are considered in private daycare centers in Rio de Janeiro. The main objective is to reflect on possible sexual education practices that are constituted through sensitive pedagogies. The conception of the body as language converges with the production of Ferreira (2021) and Guimamães (2011), when addressing learning constructed through the body. As a result, we conclude that an alternative protective proposition to cases of childhood sexual abuse that are so common in

Brazilian society is to witness sexual education on a daily basis. and Guimamães (2011), when addressing learning constructed through the body. As a result, we conclude that an alternative protective proposition to cases of childhood sexual abuse that are so common in Brazilian society is to witness sexual education on a daily basis.

Keywords: sexual education; body; careful.

RESUMEN

Este artículo presenta, a través de una investigación narrativa, la cotidianidad en la que se consideran las prácticas de educación sexual en guarderías privadas de Río de Janeiro. El objetivo principal es reflexionar sobre posibles prácticas de educación sexual que se constituyen a través de pedagogías sensibles. La concepción del cuerpo como lenguaje converge con la producción de Ferreira (2021) y Guimarães (2011), al abordar el aprendizaje construido a través del cuerpo. Como resultado, concluimos que una propuesta protectora alternativa a los casos de abuso sexual infantil tan comunes en la sociedad brasileña es presenciar diariamente la educación sexual.

Palabras-clave: educación sexual; cuerpo; cuidado.

Capim-limão: o ponto de partida

O ponto de partida desse artigo é a dor. Com Evaristo (2016, p.109) aprendemos que “escrever é uma maneira de sangrar” e a escrita que inaugura essa produção é uma ferida aberta que sangra em uma de nós. Como toda ferida, ela tem o tempo de cicatrizar. Sendo assim, em busca de cicatrizes, que apresentamos aqui a dor que impulsionou essa pesquisa. Para isso, foram escolhidas algumas plantas medicinais para nomear cada sessão, também como forma de honrar os saberes ancestrais e originários que nos permitem a cura através da terra. As plantas escolhidas têm conexão com nossas memórias enquanto, mas também expressam nosso “ser educadora”. Tudo está conectado, entrelaçado, relacionado... ainda que nossas práticas histórica e socialmente construídas insistam em dividir, marcar, segmentar, dicotomizar, agrupar. (VIEIRA; BRAGANÇA, 2020, p. 13). O capim-limão é reconhecido, no saber popular, como uma planta capaz de tratar as dores. Segue a narrativa, na primeira pessoa do singular, que abre essa chaga.

Eu sofri com abusos sexuais na adolescência. Esse é um fato que incomoda muitos, que gera comoção, que constrói políticas e despolíticas públicas, assistências e desassistências às vítimas. Mas você sabe o que acontece depois de um abuso? Essa é uma das muitas respostas possíveis.

Depois de sofrer com diferentes episódios de abuso em diferentes ocasiões, eu segui querendo falar sobre ele, e esse foi o espaço que encontrei. Essa é uma escrita de cura! Depois de ser vítima, eu segui sendo filha, afilhada, namorada, esposa, estagiária, trabalhadora, extensionista, estudante, pedagoga. A vida seguiu, ou fui eu que fui seguindo ela, e em alguns momentos desse caminho, como um capanga que salta na frente da carroça, eu assisti a minha violência me bloquear e mesmo quando eu pareci ter conseguido seguir em frente, outra vez ela me interceptava e conseguia me congelar. Aqui é onde eu refaço a rota e encontro trilhas escondidas entre os matos que alinham a estrada que todos veem. Aqui é onde EU falo!

O colégio onde estudei foi a minha carroça. Foi o espaço onde eu achei que podia me refugiar, que me fez caminhar, mesmo que dentro de uma perspectiva que não me vestisse bem. Foi importante! Foi importante para que eu pudesse passar pelo processo de entender que o capanga não era parte do caminho, não deveria ser. Foi importante para aprender a não me culpar pelo aparecimento do capanga. Foi um lugar difícil, um lugar de reflexão constante, mas foi também nesse movimento que encontrei mestres que me fizeram mestre. Foi quando eu percebi que a próxima vez que minha carroça parasse, não podia ser igual da última vez.

Essa não é uma história sobre como aconteceu ou quem me violentou. Talvez essa história devesse ser contada a partir de outro ponto, devesse falar sobre como sempre fui uma criança traquina e criativa, mas não foi essa criança que me trouxe até aqui, então por que iria eu falar sobre ela? Essa autobiografia começa quando eu rasgo o mapa e não chego onde todos disseram que eu deveria chegar. Essa escrita é sobre o início e o fim. É sobre como eu tentei por muito tempo me desligar do meu corpo e me empenhei em ignorar o capanga. Mas como eu poderia fechar meus olhos enquanto ele rouba a minha criança?

Com os farelos da minha mente traquina e criativa, hoje eu ponho minha criança debaixo do braço e corro em direção ao mato. E em meio à chama da fogueira, conto para ela que, apesar do capanga e do bando dele, podemos criar um vilarejo seguro, um lugar onde eles não podem acessar, um local de onde podemos nos defender e nos fortalecer junto a um coletivo que acredita em nossas ideias e compra nossas brigas.

Esse vilarejo está em constante crescimento e suas raízes fincadas em algumas experiências vividas e pessoas encontradas no matagal que adotei como lar. A universidade foi meu passo largo e ofegante, foi aquele instante em que no meio de um assalto a gente percebe que dá pra correr, que dá pra escapar. Ela foi o início, foi onde me vi projetando futuros possíveis, foi onde pela primeira vez pensei que minha empreitada daria certo e foi onde encontrei outros fugitivos correndo de seus próprios bandidos. Ela foi como uma mãe braba, que com toda a autoridade nos força a continuar e ao mesmo tempo nos afaga com rezas cochichadas enquanto acompanha o nosso sonhar madrugada adentro. Para essa mãe é preciso ser uma filha braba, pois é com a labuta trazida por ela que nos fortalecemos, tal qual faz uma passarinha ao jogar ao vento seus filhotes que batem as primeiras asas no ar.

Foi do alto do meu baluarte que me encontrei com a Educação Infantil e aprendi sobre relação, afeto, respeito. O lugar que eu criei fazia sentido com essa perspectiva, essa forma de fazer pedagogia já habitava ali antes de eu me dar conta. Aprendi que os bebês podem muito.

Há dois anos, atuando em uma instituição de educação infantil, venho experienciando trocas com professores sobre educação respeitosa e planejamentos guiados pelas próprias crianças. Nesse lugar, encontrei a creche, os corpos falantes, as mordidas que protestam, os choros que comunicam, a educação sexual na troca de fraldas e no processo de desfralde, a mediação de conflitos corporais e a descoberta do corpo prazeroso.

Foi nesse espaçotempo que repensei minha trajetória e o meu abuso, e foi nele que me dei conta do meu papel adulto no apoio à criança e ao seu corpo. Aprendi práticas respeitosas, mas também desenvolvi minhas próprias maneiras de me tornar para as crianças uma referência de acolhimento e segurança. De ser aquela que colabora para que menos capangas existam e que minha vila cresça em sentido para mim e para outras pessoas.

Agora que me encontrei, me enxergo na minha trajetória não como alguém que foi muito resiliente e transformou a dor em sentimentos bons, mas como uma sobrevivente sem escolhas a não ser seguir em frente. Felizmente, segui para lugares que me fortaleceram, com pessoas que me acolheram, mas como outras vítimas fizeram, eu poderia ter me despedido da vila antes da hora ou ter sido pega pelo capanga no meio do caminho e, quem sabe, essa história

tivesse que ser contada por outras pessoas. Foi nas pausas e retomadas que compreendi a mim como natureza, como cíclica, como poesia. E foi a partir dessas idas e vindas que pude enxergar nos bebês, a ciclicidade da vida e a melodia que ela carrega, afinal a música também é feita de pausas. É aqui que finalmente entendo a minha vida: “viver é partir, voltar e repartir” (EMICIDA, 2020). Hoje, eu dou início ao meu “repartir” e compartilho com o mundo minhas dores e meus aprendizados. O medo continua atacando. O capanga não desiste e é inteligente, pois encontra brechas na minha mente quando me enxergo fraca e incapaz. Existir em constante estado de alerta e ainda assim viver a dor e a invasão de quem deveria me proteger criaram capangas, gatilhos. Mas o que aprendi no caminho fizeram meus capangas menores. Essa é uma narrativa autobiográfica, que talvez não conte sobre uma grande trajetória acadêmica, mas conte sobre como eu me salvei a partir da academia. E o que é mais importante?

Camomila: não estou só

Para iniciar essa seção, trazemos (agora na primeira pessoa do plural) a camomila como anunciante de nossas proposições. O chá que cura é cheiroso, mas também amargo e difícil de engolir. As justificativas para essa escrita não estão enraizadas apenas na violência sofrida por uma de nós. Escrevemos porque a narrativa que abre esse artigo não está isolada de qualquer estatística. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2022 foram registrados 45.994 casos de estupro de vulnerável (este dado não considera os casos subnotificados) desses, 85,5% das vítimas foram meninas, 61,3% até 13 anos de idade e 82,5% dos abusos foram provocados por pessoas conhecidas.

O que podemos inferir dos dados de violência sexual no Brasil é a não existência de coincidências. Não é por ordem do acaso que nos deparamos com porcentagens tão altas. O que estamos observando aqui é cultural. Trata-se de uma cultura que pensa o corpo infantil como público. A cultura do estupro está presente nas situações cotidianas de silenciamento, culpabilização por violências sofridas e no ensinamento de que é preciso envergonhar-se do próprio corpo.

Acerca disso, trazemos destaque para o perfil de abusadores: 95,4% dos agressores são homens. A provocação que fazemos neste artigo é: em que momento os meninos se tornam estupradores? Sobre essa provocação, lembramos que não basta protegermos as crianças: é necessário ensiná-las a reconhecer e a denunciar abusos. Qual é a educação oferecida para os homens ao longo da vida que os faz entender que os seus desejos não se limitam aos seus próprios corpos? Que os fazem enxergar na fragilidade infantil uma brecha atrativa?

A educação sexual se torna uma emergência no combate à violência, principalmente porque é preciso educar o corpo masculino para o respeito e o consentimento. Defendemos que a educação sexual no âmbito educativo pode ser transversalizada na creche, pois é na primeira infância que se inicia a aprendizagem sobre relações, sobre limites dessas interações e sobre onde termina um corpo e começa o outro. A creche é um espaçotempo potente para que recusas e permissões sejam sinalizadas, percebidas e respeitadas.

Mastruz: o saber que vem de muitos

Mastruz é onde nos encontramos com aqueles que são base para a tecitura de nossas práticas e saberes. É sobre os que vieram antes e pavimentaram meu caminho para que na encruzilhada à frente pudéssemos adicionar mais uma pá de areia e um punhado de pedras para aqueles que vêm chegando com suas bagagens logo atrás. Mastruz é conversa, é mesa de bar, é como uma “vó” que conta sobre seus tempos de moça e ao contar mais um conto, sem perceber passou uma lição adiante. Uns chamariam de abordagem teórica, nós preferimos chamar de “mastruz”.

Guimarães (2011), ao falar sobre a ética no fazer pedagógico com a creche, direciona nosso olhar não somente para as relações que se estabelecem nesse fazer, mas às pessoas responsáveis por esse fazer. A autora escancara a história da creche no Brasil e nos propõe, primeiramente, a reflexão dos lugares higienistas e assistencialistas sobre os quais ela foi estruturada.

Nessa linha, o que marca a diferença entre a creche e a pré-escola, além da faixa etária e do atendimento em horário integral ou parcial, é que a creche foi criada para a população pobre, atendendo aos filhos das ex-escravas, no contexto da abolição da escravatura no Brasil ou acolhendo os filhos das trabalhadoras domésticas e fabris, no cenário urbano emergente naquele período. Já as pré-escolas foram criadas para as elites, nas escolas públicas do país, também no início do século XX. A raiz histórica da creche, a saber, o contexto da pobreza e do trabalho assalariado da mulher, marca até hoje a compreensão de suas funções na vida social brasileira. Dessa forma, parece que ser assistencial relaciona-se com ser para os pobres, algo menos importante e, conseqüentemente, menos valorizado. (GUIMARÃES, 2011, p. 35)

A creche surge não para garantir direitos da criança, promovendo um espaço pedagógico. Surge para servir ao capitalismo, tutelando herdeiros da escravização. Desta forma, os bebês são postos em contextos higienistas, onde o cuidado corporal estava atrelado a uma lógica assistencial de limpeza e saúde física. Sendo pensada neste contexto, os profissionais da creche estariam no lugar do “tomar conta”, na substituição da atenção materna (GUIMARÃES, 2011).

Neste sentido a creche se afirma como espaço de serviência ao capitalismo e reforça junto a esta, princípios machistas e racistas. Machista, pois põe no encargo de mulheres, e somente outras mulheres, o dever de cuidar, construindo a falsa narrativa da existência de um instinto maternal, ao qual alegam nascer junto a qualquer uma de nós. Tiram do cuidar o conhecimento inculcado neste, alegando que o cuidado é naturalmente concebido junto ao nascimento de todas aquelas do sexo feminino.

Ao longo da história, o cuidado ligado à promoção de uma experiência e uma prática de si, numa perspectiva ética, tem sido obscurecido, especialmente por conta do desprestígio que as ações de cuidar ganharam, à medida que, de modo geral, referem-se à proteção, ou ao doméstico e feminino, dimensões subestimadas em nossa vida social contemporânea. (GUIMARÃES, 2011, p. 23)

Seguindo esta lógica, a centralização nas práticas higienistas sob a justificativa prevenção de doenças, acaba por produzir um olhar que fortalece o fenômeno do racismo, na medida em que a população preta e pobre é

associada à sujidade e impureza. Para essa população foram destinados os cuidados técnicos do corpo; para os filhos da elite, a promoção de saberes valorizados socialmente. A creche, então, assume como finalidade lavar, ensaboar, pentear, escovar, entre outras funções ligadas à concepção de limpeza. “O colonialismo concentrou seus ataques primeiramente nas dimensões do corpo” (RUFINO, 2019, p. 132). Nesse sentido, a rotina de cuidados corporais nasce como forma de unificar, uniformizar, colonizar, dominar, apagar o ser, enquanto disfarça dizendo cuidar.

Nosso intuito não é admitir uma concepção de creche distanciada do cuidado corporal, deslegitimando a importância do mesmo ou reafirmando o espaço desvalorizado ao qual é posto o cuidado. Pretendemos, contudo, ir na contramão do cuidado tecnicista, fabril, concebido em sistema de produção, como se propunha a ser desde o século XX, com rotinas de sono impostas, banhos em série, e almoços oferecidos em lógicas tayloristas.

De encontro a este fato, Ferreira (2021) nos ampara ao tratar da desconexão entre corpo e mente, sendo o corpo desvalorizado no processo de aprendizado:

A escolarização ocidental tentou implementar o modus operandi de aprender pela via única e exclusiva do intelecto em desconexão total com seu corpo. O que se propõe aqui é que o corpo seja a principal via de conexão com o conhecimento e que por ele se deixe atravessar em conexão com o mundo, estabelecendo, assim, uma personalização do que se aprende a partir das próprias referências e de como o corpo do outro dialoga com o meu aprender. Como cada corpo possui sua própria história e repertório social. O que se aprende atravessa a singularidade dos corpos, tornando este processo único, ainda que o ambiente que dispara o processo seja o mesmo. (FERREIRA, 2021, p. 118)

Reconhecemos, portanto, o corpo como possibilidade de comunicação, e, para isto, nos refazemos em nossas próprias convicções ao entender que nossos gestos e expressões também comunicam aos nossos educandos. E não somente como via, mas como o próprio tema, colocamos em evidência o papel do adulto na educação do corpo sem que esta seja calcada em podas, aprisionamentos e moldagens.

Reconhecer o corpo como potência, como via de formação do sujeito, é admitir que, já na primeira infância, podemos promover a educação sexual por meio da experimentação, proporcionando vivências positivas de respeito ao

corpo e concedendo exemplos de que a criança, e somente ela, pode legislar a si mesma. “Há aprendizados que ultrapassam o código linguístico e só podem se dar por via do corpo” (FERREIRA, 2021, p. 120). Para as creches, talvez esse seja um caminho possível para elaborar compreensões de cuidado respeitoso, toques positivos, segurança e proteção do corpo.

Falamos de miudezas revolucionárias, de práticas simples que carregam complexidade tremenda, pois para alcançar a educação sexual não é preciso muito. Basta um educador de corpo todo, presença, afeto e um olhar verdadeiramente atento.

Este artigo, além de uma denúncia, é uma narrativa de proteção. Faremos aqui um levantamento de práticas bem-sucedidas de educação sexual no âmbito da creche. Na próxima seção, elencaremos a trilha metodológica desta caminhada. Lembramos o início deste artigo em diálogo com Evaristo (2016), de que “escrever é uma forma de sangrar”, mas também de cicatrizar e curar.

Arruda: a nossa pesquisa

Arruda é sobre a construção de uma trilha metodológica que engloba diferentes possibilidades de investigação, oportunizando uma maior aproximação e leitura de práticas educativas de proteção e respeito ao corpo da criança na creche. Trata-se de uma pesquisa narrativa e (auto)biográfica, tal como propõem Vieira e Bragança (2020) e Ferrarotti (2010); com os cotidianos, em diálogo com Ferraço (2003), Oliveira (2012) e Alves (2008); dialógica como propõem Ribeiro, Souza e Sampaio (2018). Esta é:

uma ação investigativa em primeira pessoa, com as próprias palavras e ideias, na relação com o outro da pesquisa, fazendo dela também formação. Com este outro nos conhecemos um pouco mais, ainda que nunca completamente. Nesse conhecer-se um pouco mais, chegamos ao novo mundo que somos, mas sendo sempre de passagem, indo em direção ao outro-nós a que as relações alteritárias e empáticas nos impelem. Isto porque, quando as vivemos, abrimos comportas, somos conduzidos a novos mundos, fazemo-nos sujeitos outros. (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 177)

A chegada na creche onde a pesquisa é desenvolvida se deu em 2021. Foi a partir daí que o olhar mais para o corpo das crianças bem pequenas, o

cuidado corporal, os momentos de higiene e de troca relacional se deu. Precisar intervir sobre o corpo do outro em uma troca de fralda, no amparo de uma mordida, no momento em que o sono chega colocava-se como um enfrentamento das próprias dores, o que levou à reflexão acerca da materialização dessas ações com cautela, projetando sobre cada criança o cuidado verdadeiramente respeitoso, aquele do qual talvez todos nós devêssemos ter recebido. Essa pesquisa é um encontro de nós mesmas à medida que nos encontramos com as crianças.

Apesar de pretendermos, nesses estudos, explicar os “outros”, no fundo estamos nos explicando. Buscamos nos entender fazendo de conta que estamos entendendo os outros. Mas nós somos também esses outros e outros e “outros” (FERRAÇO, 2003, p. 160).

Colocamo-nos, portanto, também como praticantes desta escrita. Somos um “sujeito-objeto que se observa e se encontra” (FERRAROTTI, 2010, p. 45). Neste sentido, Vieira e Bragança (2020) ressaltam que a narrativa (auto)biográfica é uma maneira de assumirmos autoria enquanto produzimos ciência. Neste sentido, Ferraço (2003, p. 160) também nos ampara ao reforçar que “ao nos assumirmos como nosso próprio objeto de estudo, se coloca para nós a impossibilidade de se pesquisar ou de se falar “sobre” os cotidianos das escolas”.

Neste artigo nos dedicamos a refletir possíveis na rotina de cuidados com o corpo das crianças. Traremos também algumas discussões a respeito da descoberta do corpo como experiência de prazer, sobre trocas de fralda respeitadas e relacionais, sobre desfralde e o tempo definido pelo corpo individual. O debate referente à educação sexual não acontece de forma pontual em meio a um planejamento inflexível. O trabalho na creche tem dessa espera pelo solo, tem de sentirmos, de termos a capacidade de perceber a brecha criada pelo grupo, pela brincadeira jogada, pelo livro lido coletivamente. É na atenção a esses pequenos espaços concedidos pelas crianças que a educação sexual acontece e que, portanto, esta pesquisa se estabelece.

Traremos a seguir algumas escritas tecidas no caderno narrativo, que se constituem como base para reflexão.

Palavra outra não apenas de um outro que não sou eu, mas, também, de outro-eu, isto é, daquele em que me torno ou posso me tornar pela tensão da conversa, pela partilha da fala, pelos ecos que a palavra do outro produz em mim. (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 164)

Por fim, gostaríamos de ressaltar o teor sinestésico dessa escrita. Se trata de uma pesquisa com cheiro, sabor, textura, som. A escolha por esse formato de produção se dá de maneira intencional como forma de fazer desta uma experiência palpável a quem a lê. Alves (2008) ao dizer que é preciso sentir o mofo da sala para entender mais fortemente o sentimento da professora que trabalha nela está também tratando deste valor sinestésico. O cotidiano é fabricado em meio a e com todas essas sensações. Elas constroem o cenário formativo que escrevemos, são capazes de gatilhar lembranças e propor novas maneiras de pensar o vivido. Ignorar todas essas outras formas de ser e estar no mundo seria ignorar a existência corporal por detrás de todos os aprendizados construídos, se colocando na contramão do que este artigo se propõe a ser.

Mulungu: uma pedagogia do cuidado

Nesta seção trazemos enredos, narrativas, histórias, diálogos. Nos encontramos com o chão da escola que nos possibilita cura e faz de nós instrumento de cura para outros. Trazemos a pedagogia no cuidado corporal sob o ponto de vista da árvore Mulungu, planta que cura e acalma.

A creche desta pesquisa é uma instituição privada localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro. As narrativas neste artigo apresentam vivências com crianças de dois e três anos, que optamos nomear apenas pela letra inicial.

São, ao todo, três narrativas, selecionadas e agrupadas com o intuito de promover reflexões sobre a brincadeira e o cuidado, o desfralde e as famílias e, por último, o íntimo e o privado na relação com o outro.

De quanto temo você precisa

O meio do dia é sempre momento de encontro. Da sala de referência, que fica em frente à cozinha, dá pra sentir o cheiro do feijão no fogo, os talheres tilintando no almoço, a conversa alta que brota do refeitório. Desta

sala também se vê o portão que dá passagem para quem entra na creche. Da janela e no final do turno da manhã, as crianças conseguem avistar as famílias que chegam para buscá-las. As crianças que permanecem na creche, recebem então, os educadores da tarde e dão início a uma nova forma de ser dentro de uma rotina repleta de novos sujeitos que a constroem, a seu modo, diariamente.

A. costuma descansar neste “entre-dia”. Para A. a rotina do sono ainda é bem marcada e isso se faz importante para que consiga viver bem o período da tarde. Depois do almoço, logo demonstra sinais de cansaço, se apresentando um pouco mais sensível às relações. Apesar disso, se coloca resistente à ideia de descansar. Sair da brincadeira é difícil, há uma recusa à ideia de abandonar os brinquedos, os colegas e a energia brincante.

Os educadores, que nesse momento são cinco, enchem a sala. Trocam informações sobre a “manhã de hoje” e a “tarde de ontem”, alinham estratégias para as crianças que permanecem no período ampliado ou integral, tal como é o caso de A. Algum outro educador leva uma criança ao encontro da família, outro recepciona uma criança que chega, outra troca uma fralda, outra media um conflito... mas há sempre um, disponível para A. e para seu tempo.

Para nós a brincadeira e o descanso são igualmente importantes, um não existe sem o outro. Por isso, ao falar com A. tentamos encontrar um equilíbrio, um meio, um entre. Uma decisão que não anule qualquer das ações, que respeite a vontade dele, as necessidades de seu corpo, mas acima de tudo sua integridade. Poderíamos pegá-lo no colo, arrancá-lo da brincadeira, tirar o brinquedo de sua mão, enganá-lo dizendo que iríamos para um lugar e seguíssemos para o quarto do sono. Mas, não. Agachamos à sua altura e começamos um longo processo de negociação. Um educador respeitoso precisa ter bons argumentos.

Em alguns dias A. logo aceita que precisa descansar mesmo. Em outros, põe-se em prática algumas estratégias que desenvolvemos ao conviver com ele e perceber as brechas que ele nos concede para a construção de combinados que o permitem seguir para seu descanso. Oferecemos a ele convidar um colega que também precisa descansar. Assim, ele sairia da brincadeira na companhia de alguém, tirando desse movimento a ideia de despedida. Ele não estaria encerrando algo, e sim começando. E aqui

relembramos a ciclicidade, mais uma vez. O fim não existe, o que temos é o início, o meio e um novo início.

Quando a relação com o brinquedo em sua mão está muito intensa, perguntamos se gostaria de levá-lo para o descanso, e novamente não há despedidas. O brinquedo o acompanha, descansa com ele, e quando A. acorda, o mesmo está aguardando pela diversão. Essa também se constrói como uma prática possível mesmo quando a criança não está na companhia de nenhum brinquedo. Ao perguntarmos “Qual brinquedo você quer levar?”, o descanso se torna uma possibilidade na presença de um objeto de transição, que ofereça o sentimento de segurança e conforto dentro da ação que executa.

Quando nenhuma das possibilidades citadas é aceita, perguntamos: “de quanto tempo você precisa para conseguir ir até o quarto do sono?” E A. nos responde prontamente, expressando com os dedos a quantidade de minutos de que necessita para conseguir terminar o que realiza. As respostas variam entre 3, 5 e 10 minutos. Então, buscamos nossas ampolhetas, para marcar o tempo.

Essas estratégias não são usadas somente com A. A dificuldade em transicionar de um movimento ao outro é comum. Quantas vezes os adultos sentem dificuldade em parar de fazer algo de que gostam para realizarem uma atividade da qual não gostam, mas entendem necessária? Participar de momentos de higiene e cuidado corporal nem sempre são divertidos. Na maioria das vezes não é. Apesar disso, são necessários para o bem estar do corpo físico e durante toda essa negociação, a importância do sono, do banho ou da troca de fraldas é lembrada. Apontamos para as crianças os sinais que o corpo traz. O corpo fala o tempo todo. E refletimos sobre as consequências de não realizarmos os cuidados. Neste caso, o sono é indispensável, essencial. Não abdicamos dele, ao mesmo passo que não abdicamos de respeitar a dignidade de quem guarda esse sentir. A educação sexual também está aqui.

A catirina fez cocô

O final do dia é cheio de energia. O Sol deita no horizonte e traz para a sala de referência a ansiedade pelo encontro com as famílias diante do céu escuro. Uma tarde inteira já foi vivida, alguns estão cansados, sensíveis. A brisa invade o espaço, as portas batem com o vento. As educadoras se

dividem nos cuidados. Uma troca as blusas sujas de feijão e pasta de dente, do jantar que acabou de acontecer; outra, acolhe um ou outro, propõe brincadeiras coletivas, conta histórias; a terceira, troca fraldas, aprendizados e afetos.

No trocador, eu, M. e Catirina (uma boneca pano) damos início a uma dança:

Professora: Você fez xixi ou cocô?

M.: Cocô.

Professora: Então vamos pegar um lenço umedecido. Vou tirar sua fralda, tá bem?

M.: Tá bem. A Catirina fez cocô.

Professora: Fez no vaso ou na fralda?

M.: Na fralda.

Professora: Então vai precisar de um lenço, né?

M.: É!

Professora: Pega esse pedacinho. Você limpa ela e eu limpo você! Pronto! Agora vamos passar a pomada.

M.: Pomada na Catirina!

Professora: Oh, a Catirina é de pano! Então, vamos passar só de brincadeira, tá?

M.: Tá!

Professora: Passou no bumbum?

M.: Passou!

Professora: E na vulva dela, passou?

M.: Passou!

Professora: Onde é o bumbum?

M.: Aqui!

Professora: E a vulva?

M.: Aqui!

Professora: Entendi! Então o bumbum é atrás e a vulva na frente. Terminamos. Vou colocar sua calça, tá?

M.: Tá!

Professora: Podemos descer (do trocador)?

M.: Podemos!

O diálogo com a menina ilustra bem a prática de brechas em que muitas vezes é construída a educação sexual com as crianças pequenas. Neste diálogo, percebemos a interpretação da vivência da troca de fralda a partir da brincadeira e do espelhamento de ações do adulto. Neste processo, tivemos a oportunidade de nomear as partes íntimas. É importante que ao tratarmos desses termos, busquemos uma linguagem respeitosa e alinhada, para que a criança saiba nomear cada uma delas com nitidez, tornando-se conhecedora de seu próprio corpo e, se necessário, conseguindo denunciar abusos.

Outro ponto que é destaque nesta conversa são as permissões concedidas por M. para que seu corpo pudesse ser tocado. Ainda que a troca de fraldas seja parte de uma rotina diária, e que numa mesma tarde seja necessário trocar fraldas mais de dez vezes, nenhuma delas é uma ação banal. Em cada troca um corpo é tocado, um ser é exposto. Por isso, em cada uma delas se faz importante buscar o consentimento, informando o momento de passar o lenço úmido e a pomada. Em cada uma haverá trocas também de olhares. A educação sexual também está aqui.

O trabalho com bebês está ligado a uma lógica ética. Nesta relação, os adultos podem assumir uma postura controladora, encurralando a criança em combinados que a direcionem para o desejo adulto, ignorando gestos e signos que a criança oferece como linguagem. Não usar esta possibilidade, negando o poder que pode facilmente assumir diante desta relação, não usando de lógicas punitivas disfarçadas de incentivo é um constante exercício de honestidade para com o outro. Desenvolver estratégias que não neguem o corpo brincante é estabelecer uma relação íntegra de respeito e reconhecimento da forma como a criança lê e interpreta o mundo.

Você prefere contar ou se esconder?

T. começava a sentir-se confiante com o grupo. Não mais chorava pelo colo da mãe, conseguia despedir-se do peito que o nutriu não somente com vitaminas, mas com amor, carinho e conexão. Agora podia sentir-se seguro para viver novos lugares. A luz que invadia a sala no início da tarde podia, então, iluminar suas novas descobertas, seus novos encontros, suas novas formas de ser. O período de adaptação terminava e a rotina permitia a

repetição de movimentos dia após dia no conforto e aconchego da previsibilidade.

A nova criança pisava devagar naquele chão, apesar de viver em um corpo expansivo, podia passar longos minutos deitado no assoalho. Se estava adaptado, se interagia de forma brincante com os colegas, porque permanecia deitado em uma mesma posição por tanto tempo? Já havíamos descartado o cansaço, tínhamos percebido seus momentos de sono, seus sinais, suas necessidades de repouso. O que levava o menino, então, a uma posição tão retraída?

Em alguns dias identificamos outros gestos: só deita de barriga para baixo; as costas ficam rígidas, não está relaxado; a cabeça sempre ereta, olhando para frente, mas sem realmente estar atento, sem enxergar completamente; os pés saem do chão, o quadril está completamente pressionado contra o piso frio. T. estava passando, não somente, por uma adaptação à creche: estava em um processo de descoberta de seu corpo prazeroso. Estava se autoestimulando.

Entendemos o movimento de T. como algo natural, como natureza, como parte da descoberta de si. T. é corpo, um corpo vivo, descobrindo seus próprios limites, suas próprias excitações. Seu corpo chora, gargalhada, come, faz xixi, dói e pode sentir cócegas. Seu corpo é muito. É tudo. É ele! Na creche, nos descobrimos em nossa totalidade e que bom é poder também encontrar prazer neste caminho.

Apesar da descoberta ser aqui respeitada e entendida como necessária para existir em um corpo, também percebemos que talvez essa exploração estivesse demandando todo o tempo do menino. Raramente saía deste movimento para brincar sozinho ou com os colegas. Buscava a posição mesmo no quintal, lugar onde podia correr livre, gritar para o vento, voar em um balanço. Então, decidimos que era hora de intervir. Intervir não porque é feio, ou sujo, ou impróprio, nem desrespeitoso, porque não é. Intervir porque T. estava perdendo outras descobertas, perdeu o pique-esconde, e a borboleta sobrevoando o canteiro, o brinquedo novo que chegou à sala e o helicóptero que passou baixinho. O menino não podia deixar para trás outros encantamentos, outros prazeres.

Em conversa com a família, alinhamos que talvez a criança devesse apenas receber convites: “vem ver o que chegou à sala!”; “você não acredita no que está passando lá na janela!”; “corre, corre, ela tá voando bem rápido!”; “você prefere contar ou se esconder?” T. precisa descobrir seu corpo em outros prazeres. No prazer de ser descoberto e sair em disparada; no prazer de forçar a vista até encontrar as cores do inseto procurando a folha perfeita; no prazer de escutar o barulho das hélices, e buscar com os olhos o que só o ouvido consegue captar; no prazer de encaixar a última peça no quebra-cabeça e desvendar a imagem inteira.

T. tinha dois anos quando identificamos sua descoberta corporal. Naquele momento, os convites apenas administravam seu tempo. Não deixaria de descobrir a si. Apenas descobriria também o mundo ao redor. Um ano depois, o menino continua com a autoestimulação, e tem explorado outras superfícies. Hoje, encontramos brechas para conversar sobre o respeito ao corpo do outro, não estando este a serviço de sua descoberta. Também temos falado sobre as partes do corpo, pessoas que podem tocar, toques do sim e do não. T., atualmente, encontra encantamento em outras aventuras: nos jogos de mímica, nas sirenes dos carros de bombeiro, no gafanhoto que comeu toda a berinjela do canteiro e nas brincadeiras coletivas, ele pode até capturar uma bruxa e fazer sopa em um caldeirão. T. segue descobrindo, desbravando, aventurando-se, investigando. Conhece um pouco mais de seu corpo e do universo em que vive.

Desta maneira, traçamos rotas, estratégias, reinventamos rotinas, refazemos caminhos, buscamos entender o que pode a criança estar sentindo, vivendo, pensando. Os responsáveis por T. possibilitaram abertura para um diálogo verdadeiro e sincero. Deram espaço, concederam informações sobre seus cotidianos, cuidados, olhares, percepções. Houve alinhamento real e efetivo. Foram muitas trocas, muitos dias, muitas conversas na porta. Houve reconhecimento da escola sobre a importância da família e da família sobre a importância das educadoras.

Muitas vezes nosso cuidado é posto pelas famílias em um lugar de assistência, de técnica, de não saber, de apenas cuidar. Ressaltamos que cuidar é olhar de perto, colocar ações em microscópio, é investigar. Cuidar e educar são indissociáveis na creche, não há um sem o outro. É cansativo lutar

contra o sistema assistencialista, que coloca nossos corpos femininos no lugar da serventia e da subordinação. Cuidar é muito, é tudo. Não podemos aceitar que a docência de professoras da creche seja entendida como menos, pouco, nada.

Babosa: início, meio e um novo início

Babosa vem com seu poder curativo, agindo sobre todas as feridas que expusemos e nos propusemos a deixar sangrar livremente. Este é o início do fim deste artigo, que admitimos como inacabado. Talvez seja o começo de outras pesquisas, outros caminhos, outros chãos que pulsam a liberdade do corpo vivo e expansivo. Trazemos aqui, portanto, algumas conclusões como forma de testemunho de uma educação cuidadosa, respeitosa, afetuosa e generosa.

Primeiramente, destaco que a pedagogia do cuidado se estabelece, principalmente, no exercício constante de um olhar sensível e compreensivo da educadora ou educador. Estar verdadeiramente disponível a escuta e a interpretação de movimentos corporais que comunicam a todo tempo é a chave para uma conexão dialógica e propositiva de estratégias que acolhem as especificidades de cada criança. O que A., M. e T. puderam experienciar foi parte de uma observação atenta e de um adulto disponível a acolher novas proposições trazidas por eles. Os cotidianos relatados em cada uma dessas narrativas só se tornaram uma oportunidade de aprendizado positivo sobre o próprio corpo e o tempo porque estas educadoras estavam abertas a cada uma dessas possibilidades, não tratando-as como um problema de percurso para a conclusão de uma rotina indisponível a adaptações.

Ao conversar com as famílias, concedemos nos diálogos informações detalhistas sobre a rotina, preferências, falas e sinais corporais decodificados por nós. Nos sentimos seguras ao falar sobre o desenvolvimento de cada um, podendo explicitar os caminhos traçados individualmente, sendo pesquisadoras e estudiosas de cada um desses processos.

É neste contexto que a educação sexual nos acompanha em cada olhar, pois não é possível falar sobre educação respeitosa sem reconhecermos os perigos sob os quais essas crianças podem estar expostas. Assumimos em nossa prática o dever de uma educação protetiva, diante dos dados alarmantes

de casos de violência sexual infantil que acontecem dentro dos lares brasileiros, como anteriormente mencionado. Portanto, a educação sexual na creche, para nós, nunca foi uma escolha, sempre fez parte de nosso trabalho, assim como contar histórias ou organizar propostas. É válido reforçar que a educação sexual é algo a ser encaixotado no planejamento. Ela não se encontra perdida em uma roda de conversa a cada semestre: ela é vivenciada a cada novo encontro, a cada toque, troca de fraldas, processos de desfralde, idas ao banheiro, brincadeiras, desenhos, banhos, sono. A educação sexual está em todas as vivências corpóreas presenciadas na creche. É através dessa constância de abordagem e de tomadas de decisões que pudemos observar o desenvolvimento de A., M. e T., por exemplo.

O exercício da observação sensível não é comprável, não está à venda. A pedagogia do cuidado ainda nos é apresentada como um desafio frente à cultura adultocentrada que surge como um caminho mais fácil e descomplicado. Caminhar neste sentido é ceder à condição de poder que nós, adultos, podemos exercer sem grandes esforços.

É por ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou Babosa vem com seu poder curativo, agindo sobre todas as feridas que expusemos e nos propusemos a deixar sangrar livremente. Este é o início do fim deste artigo, que admitimos como inacabado. Talvez seja o começo de outras pesquisas, outros caminhos, outros chãos que pulsam a liberdade do corpo vivo e expansivo. Trazemos aqui, portanto, algumas conclusões como forma de testemunho de uma educação cuidadosa, respeitosa, afetuosa e generosa.

Primeiramente, destaco que a pedagogia do cuidado se estabelece, principalmente, no exercício constante de um olhar sensível e compreensivo da educadora ou educador. Estar verdadeiramente disponível a escuta e a interpretação de movimentos corporais que comunicam a todo tempo é a chave para uma conexão dialógica e propositiva de estratégias que acolhem as especificidades de cada criança. O que A., M. e T. puderam experienciar foi parte de uma observação atenta e de um adulto disponível a acolher novas proposições trazidas por eles. Os cotidianos relatados em cada uma dessas narrativas só tornou-se uma oportunidade de aprendizado positivo sobre o próprio corpo e o tempo porque estas educadoras estavam abertas a cada uma

dessas possibilidades, não tratando-as como um problema de percurso para a conclusão de uma rotina indisponível a adaptações.

Ao conversar com as famílias, concedemos nos diálogos informações detalhadas sobre a rotina, preferências, falas e sinais corporais decodificados por nós. Nos sentimos seguras ao falar sobre o desenvolvimento de cada um, podendo explicitar os caminhos traçados individualmente, sendo pesquisadoras e estudiosas de cada um desses processos.

É neste contexto que a educação sexual nos acompanha em cada olhar, pois não é possível falar sobre educação respeitosa sem reconhecermos os perigos sob os quais essas crianças podem estar expostas. Assumimos em nossa prática o dever de uma educação protetiva, diante dos dados alarmantes de casos de violência sexual infantil que acontecem dentro dos lares brasileiros, como anteriormente mencionado. Portanto, a educação sexual na creche, para nós, nunca foi uma escolha, sempre fez parte de nosso trabalho, assim como contar histórias ou organizar propostas. É válido reforçar que a educação sexual é algo a ser encaixotado no planejamento. Ela não se encontra perdida em uma roda de conversa a cada semestre: ela é vivenciada a cada novo encontro, a cada toque, troca de fraldas, processos de desfralde, idas ao banheiro, brincadeiras, desenhos, banhos, sono. A educação sexual está em todas as vivências corpóreas presenciadas na creche. É através dessa constância de abordagem e de tomadas de decisões que pudemos observar o desenvolvimento de A., M. e T., por exemplo.

O exercício da observação sensível não é comprável, não está à venda. A pedagogia do cuidado ainda nos é apresentada como um desafio frente à cultura adultocentrada que surge como um caminho mais fácil e descomplicado. Caminhar neste sentido é ceder à condição de poder que nós, adultos, podemos exercer sem grandes esforços.

É por ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (FREIRE, 1996, p. 18)

A melhor maneira de implementar a educação sexual na creche é vivendo-a em cada novo encontro. A melhor forma de lutar pela prevenção e diminuição de abusos sexuais na infância é testemunhando a educação sexual dia após

dia. com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. (FREIRE, 1996, p. 18)

A melhor maneira de implementar a educação sexual na creche é vivendo-a em cada novo encontro. A melhor forma de lutar pela prevenção e diminuição de abusos sexuais na infância é testemunhando a educação sexual dia após dia.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: _____, OLIVEIRA, I. B. de. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alli, 2008.

BRASIL. *Anuário brasileiro de segurança pública*. Fórum brasileiro de segurança pública, 2022.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2026.

FERRAÇO, Carlos. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

FERREIRA, T. *Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro*. Rio de Janeiro. Telha, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Ed.Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Daniela. *Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética*. São Paulo. Cortez Editora, 2011.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alli, 2012.

RIBEIRO, T. SOUZA, R. SAMPAIO, C. *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro/RJ: Ayvu Editora, 2018.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro. Mórula Editorial, 2019.

VIEIRA, J; BRAGANÇA, I. Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica e a escrita de cartas como modo de dizer ser. *Crítica Educativa*, Sorocaba, SP, v. 6, 2020, p. 01-17.

Recebido em: 30/09/2023.

Aceito em: 21/12/2023.

Patrícia Baroni

Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ.

 narrativasdocampo@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2974793513488242>

 <http://orcid.org/0000-0003-1570-9816>

Maria Clara Magalhães

Pedagoga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e Educadora no Movimento Infância in Natura - MIIN.

 mariiac.mag@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/0574185016630554>

 <http://orcid.org/0009-0003-5583-4408>